



CONAHP
Congresso Nacional
de Hospitais Privados 2025

Saúde em **RECONSTRUÇÃO**

Palco

INOVAÇÃO



Há 24 anos promovendo
qualidade e ética na saúde

anahp



INTEGRAÇÃO, CONFIANÇA E PROPÓSITO

O Brasil redesenhando o sistema de saúde no Conahp 2025

O Conahp 2025 consolidou mais uma vez sua posição como o maior congresso de saúde do Brasil, reunindo 6.654 participantes em 16 mil m² do Transamerica Expo Center, em São Paulo. A programação trouxe seis palcos simultâneos, com 175 palestrantes debatendo os principais desafios e transformações do setor. Uma das grandes novidades desta edição foi o Circuito de Saúde do Futuro, um espaço inédito de 730 m² que proporcionou

uma experiência interativa e imersiva pela jornada do paciente – do autoatendimento às terapias em casa.

A tradicional feira de negócios também ganhou relevância, reunindo 175 parceiros e patrocinadores e fortalecendo o networking qualificado que marca o evento. Nos dias 15 e 16 de outubro, o Conahp recebeu representantes do Ministério da Saúde, parlamentares, conselheiros da Anahp, lideranças de

todos os elos da cadeia e nomes nacionais e internacionais, reforçando o papel do congresso como ponto de encontro estratégico para discutir, construir e inspirar o futuro da saúde.

Todo o conteúdo do congresso foi dividido entre o Palco Central e outros cinco temáticos: Assistencial, Pessoas, Eficiência, Inovação e Saúde do Futuro. **Neste e-Book você encontrar a cobertura completa do Palco Inovação.**

TECNOLOGIA COM PROPÓSITO: A TRANSFORMAÇÃO COMEÇA NA CULTURA

No Conahp 2025, o Palco Inovação mostrou que o futuro da saúde vai muito além das máquinas. Da inteligência artificial à medicina genética, os debates revelaram que o avanço tecnológico só gera valor quando é guiado por ética, governança e propósito. A IA já faz parte da operação hospitalar, as terapias CAR-T apontam novos caminhos de acesso e sustentabilidade, e a infraestrutura digital redefine padrões de eficiência e confiabilidade.

Mais do que novas ferramentas, a inovação na saúde depende de cultura, aprendizado e colaboração. Líderes e especialistas reforçaram que hospitais do futuro serão ecossistemas vivos, capazes de integrar pessoas, processos e dados em torno do mesmo objetivo: cuidar melhor.





INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE: DO HYPE À REALIDADE

A abertura do Palco Inovação no Conahp 2025 colocou em pauta um dos temas centrais da medicina contemporânea: o impacto real da inteligência artificial na prática clínica e na gestão hospitalar. O painel “O hype vs. a realidade da transformação digital na saúde” questionou o que já é prática e o que ainda é mito na digitalização dos cuidados.

Participantes:



Guilherme Hummel,
diretor do e-Health Mentor
Institute (EMI)



Leonardo Simões,
Head de Dados da Rede D'Or



Lilian Hoffman,
conselheira do Brasil Digital
para Todos



Rubens Barreto,
diretor de Tecnologia da
Invisual



Victor Gadelha,
Head de Educação, Pesquisa
e Inovação da Dasa



Felipe Cabral,
gerente médico de Saúde
Digital do Hospital Moinhos
de Vento (moderação)

Cognware e a nova era cognitiva

Guilherme Hummel apresentou o conceito de Cognware, que define uma cognição artificial multimodal. Ou seja, sistemas capazes de integrar múltiplas fontes e sentidos para simular processos cognitivos humanos – ou “a nova camada de interação entre o ser humano e o mundo, só que feita através de máquina”.

“Chamo de cognição e não de inteligência porque a inteligência é abstrata e subjetiva, já a cognição é clara: pensar, lembrar, inferir, coordenar ações, focar atenção.”

Guilherme Hummel

Essa evolução marca uma nova fase da medicina digital: a relação entre médicos, sistemas e pacientes se torna mais dinâmica e preditiva.

Estimativa:

Até 2030, a assertividade diagnóstica deve alcançar 70%, com tempo médio reduzido para 24 a 48 horas.

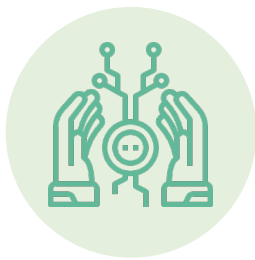
Da promessa à prática

O potencial da IA só se materializa quando há clareza sobre o propósito, por isso é preciso estar atento ao risco de entusiasmo sem método.

"Eu sinto pouco rigor metodológico nas inteligências artificiais que estão chegando. Temos grande potencial, mas baixo rigor."

Lilian Hoffman

Elementos essenciais para transformar o potencial da IA em resultados concretos:



O hype tecnológico ainda convive com lacunas de validação e mensuração.



Resultados reais exigem modelos de governança e *accountability*.



O impacto precisa ser percebido tanto pelo paciente quanto pela sustentabilidade institucional.

Dados: a base da inteligência

Sem dados limpos e interoperáveis, não há inteligência confiável. Para Rubens Barreto, a IA sempre será tão boa quanto a qualidade e a quantidade dos dados imputados em um prontuário eletrônico.

"Antes de falar em inteligência, há um dever de casa gigantesco: padronizar documentos, sistemas e eliminar silos de informação."

Rubens Barreto

A inteligência artificial só é realmente inteligente quando nasce de dados íntegros, conectados e governados:



A interoperabilidade entre plataformas é o ponto crítico da IA em saúde.



A padronização dos dados é o primeiro passo para qualquer modelo escalável.



A maturidade digital depende de governança técnica e cultura de dados.

Informação limpa, decisão precisa

A integração de dados pode mudar a operação hospitalar. Na Rede D'Or foi desenvolvido um repositório clínico unificado, baseado no modelo HL7 FHIR, que conecta informações de múltiplas unidades.

“Limpar a informação não é simples, requer um trabalho intenso, principalmente do corpo clínico. Depois que a informação está qualificada, qualquer modelo ou agente se torna muito mais eficiente.”

Leonardo Simões

Human in the loop

Equilíbrio entre automação e responsabilidade é fundamental. A IA deve ampliar a capacidade de decisão médica, não a substituir.

“Diagnosticar continuará sendo um ato humano. O que a IA faz é apoiar esse julgamento, tornando-o mais rápido, preciso e contextualizado.”

Victor Gadelha

É válido lembrar que o mercado ainda vive uma “explosão de demos e promessas” sem lastro clínico, o que reforça a importância do princípio *human in the loop* — o ser humano no centro da decisão.

Governança e maturidade digital

As discussões também abordaram privacidade, cibersegurança e rastreabilidade. Lilian Hoffman alertou que ainda há fornecedores que manipulam dados sensíveis sem anonimização adequada.

Para ela, é preciso prestar atenção aos seguintes fatores:



Hospedar em nuvem não basta; é preciso protocolo de governança.



A maturidade digital requer ética, transparência e responsabilidade compartilhada.



Segurança da informação é um pilar estratégico, não um detalhe técnico.

Da tendência à operação

A inteligência artificial já deixou de ser tendência para se tornar parte da rotina hospitalar. O desafio agora é garantir que sua expansão ocorra com sustentabilidade, ética e mensuração de resultados.

“A IA já é realidade, mas só gerará valor verdadeiro se vier acompanhada de governança de dados, capacitação profissional e avaliação contínua de resultados.”

Felipe Cabral



TERAPIAS AVANÇADAS E CAR-T EM DEBATE: CIÊNCIA, EQUIDADE E SUSTENTABILIDADE

Com especialistas do Brasil e da Espanha, o painel “A evolução das terapias avançadas e seu impacto na forma como entregamos saúde” reuniu especialistas para discutir o avanço das terapias gênicas e celulares, em especial as CAR-T, e os desafios de torná-las acessíveis em sistemas públicos e privados.

Participantes:



Antônio Campos,
professor emérito da
UFRJ e assessor da
Fiocruz



Juan Llerena,
médico-geneticista do
Instituto Fernandes Fi-
gueira/Fiocruz-RJ



Noelia Mateo,
diretora de Terapias
Avançadas do Hospital
Clínic de Barcelona

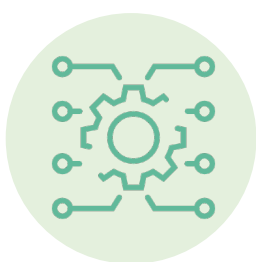


Víctor Piana,
CEO do A.C.Camargo
Cancer Center
(moderação)

O modelo espanhol: inovação dentro dos hospitais

A experiência do Hospital Clínic de Barcelona foi apresentada por Noelia Mateo como um exemplo concreto de inovação hospitalar. O centro desenvolveu internamente as terapias CAR-T ARI-1 e ARI-2, aprovadas pela Agência Espanhola de Medicamentos e aplicadas em mais de 600 pacientes com resultados comparáveis aos de grandes farmacêuticas — porém, a um terço do custo.

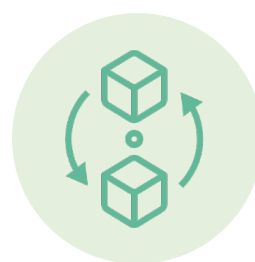
Por que o modelo espanhol se tornou uma referência em inovação hospitalar



Produção hospitalar com padrão GMP e total integração entre pesquisa, regulação e aplicação clínica.



Custos até três vezes menores em relação às versões comerciais.



Modelo de produção descentralizada e replicável em outros países.

“ESSAS TERAPIAS PODEM REALMENTE CURAR O CÂNCER, MAS APENAS 1% DOS PACIENTES CONSEGUIRAM RECEBÊ-LA NO ANO PASSADO”

Noelia Mateo

Descentralizar a produção é fundamental para garantir equidade. Países como a Índia já adotam o modelo espanhol, com a terapia ARI-1 custando cerca de 45 mil euros por paciente – menos da metade do valor europeu.

“Acreditamos que este modelo é exportável e temos realmente uma visão de que é possível chegar ao máximo número de pacientes, pois é sustentável e de alta qualidade.”

Noelia Mateo

Autonomia e sustentabilidade no cenário brasileiro

Inspirado nessa lógica, o Brasil avança na criação de sua própria estrutura de produção. Antônio Campos apresentou o projeto conduzido pela Fiocruz, em parceria com o Ministério da Saúde, para o desenvolvimento de vetores lentivirais — componentes centrais das terapias CAR-T. A produção ficará sob responsabilidade do Bio-Manguinhos, que aplicará sua experiência em vacinas para gerar autonomia tecnológica e reduzir custos.

O Brasil dá os primeiros passos para tornar as terapias avançadas acessíveis a todos:



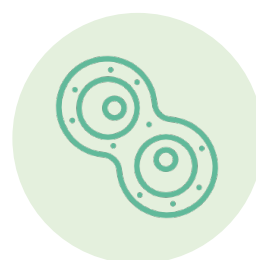
Potencial para atender 4 mil pacientes por ano com leucemias, linfomas e mielomas.



Produção nacional pode reduzir os custos atuais em até 90%.



O projeto busca viabilidade industrial e científica para escalar a terapia no SUS.



Expectativa de conseguir produzir as células CAR-T a um décimo do valor cobrado pelas empresas – entre 30 e 40 mil dólares por paciente.

“Hoje, o tratamento é ofertado por 300 a 450 mil dólares, sem contar os custos hospitalares.”

Antônio Campos

O domínio tecnológico é estratégico para reduzir dependências externas, custos com judicialização e importação de terapias, reforçando o papel da inovação como vetor de acesso universal.

SUS como base de equidade

A capacidade do Sistema Único de Saúde de integrar diagnóstico e tratamento faz dele o maior ativo do país na incorporação de terapias avançadas.

O Brasil conta com 36 centros de referência em doenças raras, que podem conectar pesquisa genética e medicina de precisão — desde que haja estrutura ética e regulatória sólida.

O que torna o SUS peça-chave na democratização das terapias de ponta:



O SUS oferece escala e capilaridade únicas no mundo.



A ética e a avaliação rigorosa são essenciais para segurança e eficácia.



A inovação deve ser acompanhada de gestão e governança responsáveis.

“O SUS tem essa propriedade, que é o acesso para todos, com a possibilidade de custo muito baixo, inclusive relacionado à hospitalização.”

Juan Llerena

Cooperação e futuro compartilhado

A cooperação internacional é um dos caminhos mais promissores para ampliar o acesso do Brasil às terapias avançadas. Victor Piana lembrou que o País já possui centros de excelência capazes de liderar a produção hospitalar, desde que os modelos regulatórios permitam pesquisa e fabricação dentro dos hospitais.

“A ciência já provou que é possível curar; agora precisamos garantir que essa cura chegue a todos os pacientes. Os hospitais devem ser protagonistas na tradução da inovação para o cuidado real.”

Noelia Mateo

A experiência espanhola comprova que inovação e sustentabilidade podem caminhar juntas. O Brasil já dispõe da base técnica e institucional necessária para trilhar a mesma rota, desde que integre pesquisa, produção e regulação. Nesse percurso, a cooperação internacional surge como força essencial para acelerar resultados e ampliar o acesso às terapias avançadas.



HOSPITAIS DO FUTURO: A INOVAÇÃO QUE NASCE DA CULTURA, NÃO DA MÁQUINA

O terceiro encontro do Palco Inovação discutiu o futuro dos hospitais diante da revolução tecnológica. Sob o tema "Natureza adaptativa: hospitais como plataformas de inovação em saúde", os debatedores defenderam que o principal motor da transformação não está nas máquinas, mas na capacidade das instituições de conectar pessoas, processos e propósito.

Participantes:



Marco Bego,
diretor do
InRad-HCFMUSP



Rodrigo Bornhausen,
diretor médico
do Hospital Israelita
Albert Einstein



Vitor Ferreira,
superintendente do
Hospital Infantil Sabará
e presidente da ABCIS



Leonardo Vedolin,
vice-presidente mé-
dico e de Operações
da Dasa (moderação)

O hospital como orquestrador de ecossistemas

O painel começou com a provocação:

“Em 10 anos, o hospital será um centro assistencial, como a gente conhece hoje, com muito mais tecnologia? Ou será um elemento de uma plataforma, parte de um ecossistema de saúde?”

Leonardo Vedolin

Para Marco Bego, do HC, a tendência é clara: os hospitais deixarão de ser locais de chegada e se tornarão centros de gestão da saúde populacional, integrando redes e serviços e aproveitando toda as estruturas que o Brasil já tem.

Elementos que definem o novo papel dos hospitais no ecossistema de saúde:



O futuro passa pela coordenação de ecossistemas de cuidado, e não apenas pela assistência direta.



A integração entre atenção primária, secundária e hospitalar é essencial.

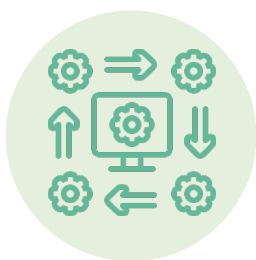


O valor está em gestão, continuidade e inteligência coletiva, não apenas em infraestrutura.

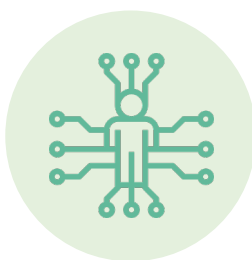
Tecnologia a serviço do humano

O papel da tecnologia deve ser devolver tempo e propósito aos profissionais, não substituí-los. A automação pode liberar os médicos para ouvir melhor e cuidar de forma mais atenta.

Quando usada com propósito, a tecnologia devolve tempo, escuta e presença ao cuidado:



Automação e IA não significam substituição, mas redefinição de funções.



O valor da tecnologia está em restaurar o vínculo humano na prática clínica.



O foco deve estar no tempo de qualidade com o paciente.

“Algumas atividades vão deixar de ser feitas pelos profissionais de saúde, mas isso não quer dizer que essas pessoas vão ser substituídas. Elas farão outras coisas que não podem ser automatizadas.”

Rodrigo Bornhausen

Inovação como modelo de negócio

A inovação vai muito além da eficiência operacional. Ela depende de uma mentalidade que redefine o cuidado e o propósito organizacional.

“Inovação é pensar a tecnologia como modelo de negócio.”

Vitor Ferreira

Diretrizes para transformar inovação em valor real na saúde:



Inovar é mensurar retorno em tempo, segurança e qualidade, e não apenas em finanças.



O investimento tecnológico precisa estar alinhado a modelos de negócio sustentáveis.



O impacto da inovação deve ser percebido pelo paciente e pela equipe.

Cultura e inteligência institucional

Os debatedores foram unânimes ao apontar a cultura organizacional como o maior desafio, mas também como base da inovação.

“A inteligência institucional precisa vir antes da inteligência artificial. Inovação é um verbo no plural, que só funciona quando une gestores, assistenciais e técnicos num mesmo propósito.”

Marco Bego

A liderança tem papel fundamental na criação de ambientes de segurança psicológica e aprendizado contínuo. Segundo Rodrigo Bornhausen, a inovação floresce onde há confiança e autonomia.

Casos práticos: quando a cultura digital se consolida

Nos exemplos compartilhados, a cultura digital mostrou seu impacto real.

Vitor Ferreira contou que o Sabará enfrentou resistência ao adotar uma ferramenta de IA para transcrição de consultas. Mas o cenário mudou rapidamente:

“Em seis meses, os próprios médicos se tornaram defensores da ferramenta. Não porque reduziu o tempo da consulta, mas porque tornou o trabalho mais leve e reduziu o burnout.”

Vitor Ferreira

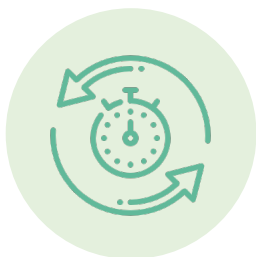
No Einstein, a capacitação de mais de 1,2 mil médicos em inteligência artificial foi decisiva para reduzir o medo da tecnologia e fortalecer o engajamento clínico.

“Quem não acreditar na mudança vai perder espaço. A saúde não está imune à automação.”

Marco Bego

Aprendizados e cultura de erro

Os aprendizados compartilhados ao final do painel revelaram uma visão madura sobre o processo de inovar:



Rodrigo Bornhausen destacou a importância do tempo e da constância para consolidar mudanças



Vitor Ferreira lembrou que é preciso “não subestimar a TI”



Marco Bego concluiu afirmando que “o maior erro é tentar copiar modelos prontos; inovação não se transplanta, se adapta.”



DA AUTOMAÇÃO À SUSTENTABILIDADE: A IA COMO MOTOR SILENCIOSO DA EFICIÊNCIA

A revolução da inteligência artificial na saúde não acontece em rupturas visíveis, mas em avanços silenciosos que estão redefinindo práticas, custos e sustentabilidade. Radiologia, patologia e infraestrutura digital formam eixos fundamentais dessa transformação e foram discutidos no painel “IA impulsionando diagnósticos, tratamentos e fármacos”.

Participantes:



César Nomura,
presidente da Abramed
e diretor de Medicina
Diagnóstica do Hospital
Sírio-Libanês



Fernando Soares,
chefe do Departamento de Patologia
Anatômica da Rede
D'Or São Luiz



Priscila Cruzatti,
especialista em
Inovação e Saúde
Digital do Google



Carlos Pedrotti,
presidente da Saúde
Digital Brasil
(moderação)

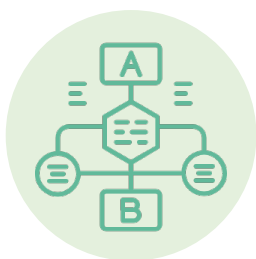
Radiologia: produtividade, precisão e sustentabilidade

A radiologia é considerada uma das áreas mais impactadas pela IA, e uma das que melhor traduzem a ideia de eficiência inteligente. O maior impacto é na ressonância magnética, especialmente com as mudanças que ocorreram nos últimos anos.

“Os algoritmos incorporados às máquinas permitiram um ganho de produtividade entre 25% e 30%.”

César Nomura

Como a inteligência artificial vem transformando produtividade e sustentabilidade nos exames de imagem:



Os algoritmos aceleram o tempo de exame e reduzem a necessidade de equipamentos de alto custo.



Máquinas de 1,5 Tesla passam a produzir imagens comparáveis às de 3 Tesla, com economia de energia e insumos.



A tecnologia gera impactos ambientais positivos, diminuindo o uso de hélio e o consumo energético.

O verdadeiro ganho vai além da produtividade: está em tornar o diagnóstico mais acessível, sustentável e preciso, consolidando uma radiologia mais inteligente e ambientalmente responsável.

Patologia digital: da lâmina ao algoritmo

A área da patologia anatômica começa a viver agora a transformação que a radiologia já atravessou.

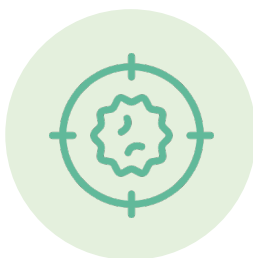
"Embora a gente já conheça a patologia digital há muitos anos, somente agora, nos últimos dois ou três anos, é que incorporamos a inteligência artificial e fizemos da patologia digital uma patologia computacional."

Fernando Soares

Marcos da transição da patologia digital para a patologia computacional:



A digitalização completa das lâminas transforma o microscópio em plataforma computacional.



Algoritmos já conseguem detectar tumores, priorizar casos e prever mutações genéticas.



A análise ganha precisão, escala e velocidade, favorecendo a colaboração entre centros.

O avanço depende de infraestrutura robusta e conectividade: a patologia computacional só se consolida quando há rede, interoperabilidade e acesso compartilhado a dados de qualidade.

Infraestrutura e confiança: tecnologia como serviço

Priscila Cruzatti, do Google, trouxe a perspectiva do setor tecnológico e enfatizou que sem base digital, não há transformação real.

"Infraestrutura não é a parte bonita da conversa. É como encanamento, que você faz porque é obrigatório. No entanto, nada flui sem ela."

Priscila Cruzatti

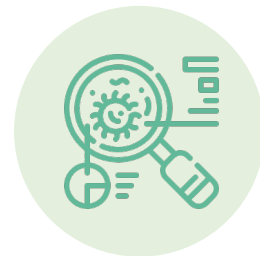
Aspectos que tornam a infraestrutura digital o alicerce da inovação em saúde:



A computação em nuvem e os modelos as a service democratizam o acesso à IA reduzindo barreiras de investimento.



Infraestrutura sólida garante segurança, anonimização e conformidade regulatória.



Com os recursos certos, pesquisadores podem investigar doenças negligenciadas, como dengue, zika e tuberculose.

A tecnologia deve ser vista como ampliação do cuidado humano: ao eliminar barreiras técnicas, permite que equipes médicas e científicas dediquem mais tempo à descoberta, à análise e à personalização do tratamento.

Ética, integração e confiança

A IA não substitui o olhar clínico, mas exige um novo tipo de inteligência coletiva, capaz de integrar dados e interpretações.

O desafio é fazer sistemas e diagnósticos dialogarem entre si, simplificando o trabalho médico sem perder o sentido humano do cuidado.

A consolidação da IA na saúde depende menos de automação e mais de confiança, interoperabilidade e propósito compartilhado — uma inovação que une pessoas, dados e valores em torno do mesmo resultado: cuidar melhor.